



SEÇÃO: TEXTO COMO TECIDO DA CULTURA

O meu mundo refletido nos teus olhos: a constituição emancipatória da personagem Anne de Green Gables

My world reflected in your eyes: the emancipatory constitution of the character Anne by Green Gables

Mi mundo reflejado en tus ojos: la constitución emancipadora del personaje Anne de Green Gables

Wilder Kleber

Fernandes de Santana¹

orcid.org/0000-0001-7569-499X
wildersantanag2@gmail.com

Claudio Primo Delanoy²

orcid.org/0000-0002-8015-5349
claudio.delanoy@pucrs.br

Recebido em: 10 out. 2024.

Aprovado em: 10 out. 2024.

Publicado em: 27 nov. 2024.

Resumo: Este trabalho delimitou como objetivo analisar a constituição emancipatória da personagem Anne de Green Gables, em que pretendemos averiguar os posicionamentos axiológicos assumidos por Anne Shirley, e de que forma seu mundo se reflete e se refrata na vida. Bakhtin e o Círculo apresentaram os fundamentos para o princípio dialógico da linguagem e a identidade do sujeito, em dimensões plural, viva e dinâmica. Em prisma dialógico, o sujeito tem sua identidade discursiva construída através de seu(s) outro(s) em zona fronteira. Com base nos estudos de Bakhtin e do círculo, articularam-se suas principais produções teóricas (sujeito, linguagem, identidade), as quais nos permitam apresentar os pilares do dialogismo. Para subsidiar as análises empreendidas, recorreremos a Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pável N. Medviédev (1891-1938) e Valentin N. Volóchinov (1895-1936), integrantes do Círculo de Bakhtin, além de interlocutores em terreno brasileiro (Brait, 2005, 2006; Delanoy, 2020, 2024; Santana, 2021). Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base interpretativista e caráter descritivo/explanatório, apresentando como *corpus* de análise três cenas específicas da série da Netflix "Anne with an E". Os resultados demonstraram que Anne se constitui como uma adolescente/jovem à frente do seu tempo, criativa e insubmissa ao patriarcado, a qual encontra, na imaginação, fonte inesgotável de renovação de vida.

Palavras-chave: linguagem; dialogismo; personagem; sujeito; Anne.

Abstract: This paper aimed to analyze the emancipatory constitution of the character Anne from Green Gables, in which we intend to investigate the axiological positions assumed by Anne Shirley, and how her world is reflected and refracted in life. Bakhtin and the circle presented the foundations for the dialogical principle of language and the identity of the subject, in plural, living and dynamic dimensions. In a dialogical perspective, the subject has his discursive identity constructed through his other(s) in the border area. Based on the studies of Bakhtin and the circle, his main theoretical productions (subject, language, identity) were articulated, which allow us to present the pillars of dialogism. To support the analyzes undertaken, we turned to Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) and Pável N. Medviédev (1891-1938), members of the Bakhtin Circle, as well as interlocutors on Brazilian soil (Brait, 2005; 2006; Delanoy, 2020, 2024; Santana, 2021). From a methodological point of view, this study is characterized as qualitative research with an interpretive basis and a descriptive/explanatory character, presenting as a corpus of analysis three specific scenes from the Netflix series "Anne with an E". The results demonstrated that Anne constitutes herself as a teenager / young woman ahead of her time, creative and unsubmitive to patriarchy, who finds, in her imagination, an inexhaustible source of life renewal.

Keywords: Language; Dialogism; Character; Subject; Anne.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumen: Este trabajo definió como objetivo analizar la constitución emancipadora del personaje Anne de Green Gables, en el que pretendemos indagar en las posiciones axiológicas asumidas por Anne Shirley, y cómo su mundo se refleja y refracta en la vida. Bajtín y el círculo presentaron los fundamentos del principio dialógico del lenguaje y de la identidad del sujeto, en dimensiones plurales, vivas y dinámicas. En una perspectiva dialógica, el sujeto tiene su identidad discursiva construida a través de su(s) otro(s) en el área fronteriza. A partir de los estudios de Bajtín y el círculo se articularon sus principales producciones teóricas (sujeto, lenguaje, identidad), que permiten presentar los pilares del dialogismo. Para sustentar los análisis realizados, recurrimos a Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) y Pável N. Medviédev (1891-1938), miembros del Círculo Bakhtin, así como a interlocutores en suelo brasileño (Brait, 2005, 2006; Delanoy, 2020, 2024; Santana, 2021). Desde el punto de vista metodológico, este estudio se caracteriza por ser una investigación cualitativa con base interpretativa y carácter descriptivo/explicativo, presentando como corpus de análisis tres escenas específicas de la serie de Netflix "Anne con una E". Los resultados demostraron que Anne se constituye como una adolescente/joven adelantada a su tiempo, creativa e insumisa al patriarcado, que encuentra, en su imaginación, una fuente inagotable de renovación de vida.

Palabras clave: idioma; dialogismo; personaje; sujeto; Anne.

Introdução

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos (Bakhtin, 2006, p. 21).

Mikhail Bakhtin (1895-1975), considerado "o pensador mais impressionantemente produtivo nas Ciências Humanas a emergir na Rússia soviética e um dos mais significativos teóricos da literatura no século XX" (Renfrew, 2017, p. 13), tem influenciado pesquisadores em vários países, também no Brasil. Sua teoria, com ênfase na abordagem dialógica da linguagem e na reconfiguração de parte da teoria freudiana (Bakhtin, 2015), alcançou múltiplas dimensões sobre como lidar com o objeto científico; e estes princípios se desdobram, por exemplo, na fenomenologia da cognição em literatura (Keunen, 2000) e nos estudos do tempo e espaço no século XXI (Bemong *et al.*, 2015), cujas contribuições vestem-se do que chamou de "cronotopo" na literatura (Bakhtin, 1998).

Reconhecemos que refletir sobre a linguagem pelo viés do pensamento de Bakhtin e o Círculo (ou da Análise Dialógica do Discurso - ADD) implica adentrar em "um terreno de intensas formulações sobre o discurso e a ideologia, devido à abordagem teórico-analítica utilizada para subsidiar as pesquisas, tais como a incidência sobre o princípio da exterioridade constitutiva dos enunciados" (Leal; Santana; Francelino, 2020, p. 2). Isso porque os sentidos múltiplos, na construção do enunciado, não são únicos nem acabados, mas materializados social, ideológica e historicamente.

A respeito dos terrenos da literatura e do cinema, nos últimos anos, chamaram-nos a atenção os posicionamentos assumidos pela personagem Anne Shirley, da série de livros "Anne de Green Gables", escrita por Lucy Maud Montgomery, a qual tem encantado leitores desde sua primeira publicação, em 1908. Anne, que ganhou destaque nos últimos anos através da série da Netflix "Anne with an E" (2017), não é configurada apenas como uma personagem com características procedimentais, como se estivesse a serviço da regência do autor, ou como se figurasse um caso em que "o autor se apossa da personagem" (Bakhtin, 2006, p. 17); ao contrário, diferencia-se das demais personagens por características singulares e específicas.

O espaço cinematográfico, em diálogos com a literatura, caracteriza-se por um emaranhado de fios dialógicos (Volóchinov, 2017), e é possível vislumbrar, com mais clareza, como cada personagem adere a uma rede de posicionamentos axiológicos, ao passo que se afilia a contextos e práticas sociais concretas. Cabe-nos, como pesquisadores, reconhecer que o que mobilizamos – os objetos de investigação – não é inaugural, mas confluí-se como um dispositivo que reacentua consciências plurais, seja didática ou academicamente (Brait; Pistori, 2012). Desse modo, em um contexto de estudos dialógicos, inserimo-nos em uma miríade de produções já existentes acerca da linguagem e do discurso (Delanoy, 2020, 2024; Francelino, 2007; Grillo, 2017).

Traçados esses caminhos iniciais, delimitamos

como objetivo da pesquisa analisar a constituição emancipatória da personagem Anne de Green Gables. Dito de outra forma, pretendemos averiguar os posicionamentos axiológicos assumidos por Anne Shirley, e de que forma seu mundo se reflete e se refrata na vida. Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base interpretativista e caráter descritivo/explanatório (Denzin; Lincoln, 2006), apresentando como *corpus* de análise três cenas específicas da série da Netflix "Anne with an E" (2017) em que a personagem se posiciona firmemente: a) a favor do ideal de educação igualitária para homens e mulheres; b) contra o patriarcado; c) em defesa da diversidade de gêneros.

Ao considerarmos todo esse arsenal, torna-se imprescindível atentar ao que é postulado por Medviédev, o qual compreende que a avaliação social nos conduz para além dos limites do enunciado, para outra dimensão; desse ponto de vista, "a presença da palavra é um apêndice de outra presença" (Medviédev, 2016, p. 190). Sendo assim, o lugar epistemológico de onde partimos concebe a avaliação social como um preparo para a compreensão responsiva do enunciado.

Para subsidiar as análises empreendidas, buscamos fundamentação teórico-metodológica nos princípios de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pável N. Medviédev (1891-1938) e Valentin N. Volóchinov (1895-1936), integrantes do Círculo de Bakhtin, além de interlocutores em terreno brasileiro (Brait, 2005, 2006; Delanoy, 2020, 2024; Santana, 2021).

Em termos estruturais, este trabalho está dividido em duas seções: a primeira, intitulada "A linguagem dialógica e a constituição de sujeitos em Bakhtin e o Círculo", circunscreve e sublinha a importância tanto da linguagem em perspectiva dialógica quanto do sujeito alteritário, como é primado pelos estudiosos do círculo. A segunda seção, "A constituição emancipatória de Anne de Green Gables: uma consciência transgrediente", revelou, por meio das análises empreendidas, uma personagem de consciência transgrediente ao seu tempo. Entendeu-se que a identidade discursiva (constituição) da personagem Anne

é construída através de seu(s) outro(s) nas fronteiras de seus dizeres, "viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado" (Brait; Pistori, 2012, p. 373).

A linguagem dialógica e a constituição de sujeitos em Bakhtin e o Círculo

O dialogismo, na agenda dos integrantes do Círculo de Bakhtin, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, cujas partes constituintes são concretas, vivas, reais (Santana, 2021). Então, como uma membrana dessa esfera, a abordagem dialógica do discurso tem-se constituído em um espaço epistemológico de múltiplos saberes, o qual elenca como dimensões constitutivas: a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. Ao abranger variados temas, como ato, evento, autor, personagem, ética, estilo, palavra, enunciação, interação, dentre outros, os conceitos bakhtinianos agregam-se a horizontes mais amplos e complexos, como a teoria do romance, gêneros discursivos, heterodiscurso, cronotopo, relações dialógicas e a própria ideologia. Sobre esse composto categórico proposto pelo Círculo, Brait (2005, p. 8) argumenta que "Bakhtin e seu círculo têm merecido, nos últimos anos, grande atenção por parte de diferentes áreas do conhecimento". Nessas instâncias, a autora considera que soa como um arcabouço teórico-reflexivo tanto no enfrentamento da linguagem quanto em transdisciplinaridade de campos como educação, antropologia, psicologia etc. (Brait, 2005).

Nesta perspectiva, segundo Sobral (2009, p. 32), a linguagem "tem seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividade) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas do exercício da linguagem". Desse ponto, pensar em uma linguagem dialógica nos reporta a Volóchinov (2017), o qual conferencia que a comunicação é perpassada por uma multiplicidade de sentidos e relações interativas entre os sujeitos, de modo que toda a consciência individual está impregnada de signos, e estes só emergem na relação entre os indivíduos, na interação entre os sujeitos.

Nessa linha interpretativa, a consciência hu-

mana não é individual, una e estática, como defendia René Descartes por meio de sua máxima "Penso, logo existo". Em contrapartida, a linguagem é social, haja vista que "A consciência se forma e se realiza no material signico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada" (Volóchinov, (2017, p. 97). Concebe-se, portanto, o signo não mais como um produto linguístico individual e imanente: o signo é ideológico, produto da interação entre, no mínimo, duas consciências, situadas social e historicamente, refletindo e refratando uma realidade pela concretização do enunciado (Volóchinov, (2017, p. 93).

Bakhtin (1993, 2006), Volóchinov (2017) e Medviédev (2016), membros ativos do chamado Círculo de Bakhtin, se situam em uma vertente que concebe a língua como forma de interação entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados (Brait, 2006; Santana, 2021). No início dos seus escritos, em seu projeto inacabado *Para uma Filosofia do Ato responsável*, na década de 1920, Bakhtin apresenta pela primeira vez seu pensamento acerca da conceituação de linguagem, aplicada aos atos humanos:

Eu penso que a linguagem está muito mais adaptada a enunciar precisamente essa verdade, e não o momento abstrato da lógica em sua pureza. Aquilo que é abstrato, em sua pureza, é de fato não enunciável: qualquer expressão é muito concreta para o puro significado – ela distorce e ofusca a pureza e validade-em-si do significado. É por isso que no pensamento abstrato nós nunca compreendemos uma expressão em seu pleno sentido (Bakhtin, 1993, p. 49).

O filósofo soviético estava tecendo duras críticas ao modo como a filosofia tradicional concebia a linguagem, desprovida do reconhecimento do locutor e dos interlocutores no processo comunicativo, o que viria a produzir projeções abstratas e teoréticas. A pura abstração, portanto, não condicionaría o sujeito a um lugar nas relações sociais e históricas, mas o confinaria a um eu categórico, como propunha Kant (2015). Ao contrário da perspectiva puramente lógica (Aristóteles, 2009), ou teorética (Renfrew, 2017), entendemos que o discurso só ganha vida na forma de enunciações

concretas de determinados falantes, os sujeitos do discurso. Ancorados, portanto, na abordagem dialógica, compreendemos que os enunciados concretos ocorrem a partir da alternância dos sujeitos dos discursos, o que caracteriza que os sujeitos possam ser responsivos e participativos por tudo o que enunciam (Delanoy, 2024; Renfrew, 2017; Santana, 2021).

Diante dessas considerações, ao pensar no sujeito bakhtiniano, é preciso considerar o indivíduo que se constrói no pensamento participativo com seus outros, de forma plural, dinâmica, interativa (Bakhtin, 1993). O pensamento participativo traz consigo o pressuposto de que há duas consciências (ou mais) que dialogam, "e a palavra é plenificada na expressão do Ser-evento único e unitário que, ao enunciar, já dirige para outro e por causa de outro".

Ao considerar o sujeito que ganha existência plena na/pela linguagem, ao passo que reformula a concepção assumida por Saussure em seus escritos póstumos *Curso de Linguística Geral* (2008), Geraldí (2006, p. 42) atesta que "A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. É no interior do seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo". Nessas condições de produção, para este estudioso, uma postura responsável e responsiva consiste em "[...] tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação" (Geraldí, 2006, p. 42).

Assim, o sujeito, como ser aberto e unitário, só ganha vida concreta nos discursos à medida que se coloca como uma consciência transgrediente ao processo vida-morte, aquele ser único no qual nós vivemos e morremos, no qual se realizam nossos atos ou ações responsáveis, fundamentalmente e essencialmente adepto da historicidade viva (Bakhtin, 1993). Santana, ao fundamentar-se no pensamento de Bakhtin e o Círculo, afirma que essas relações, no mundo, caracterizam e constituem o sujeito como plural, heterodiscursivo, à medida que "conferem potencialização para o diálogo, uma vez que destaca

a intersubjetividade da consciência, que não existe sendo unívoca, antes apenas interativa, em diálogo com outras consciências" (Santana, 2018a, p. 82), sendo essa uma postura ética do acontecimento único e singular do existir. Na concepção desse estudioso brasileiro,

Quando o sujeito se engaja no discurso, (re) constrói sua identidade. Ele está, ao mesmo tempo em que se configura identitariamente, considerando o discurso do outro (ainda que discorde totalmente das opiniões alheias), visto que o sujeito ocupa na sociedade múltiplas identidades, pois está sempre em contato com diferentes interlocutores. Assim, por exemplo, ora o sujeito assume a identidade de político, ora de religioso, ora de professor e assim por diante. Então, a identidade do sujeito é compreendida como uma construção socialmente organizada por meio dos discursos (Santana, 2018a, p. 59).

Nessa linha interpretativa, faz-se imprescindível analisar os apontamentos realizados por Medviédev (2016, p. 49-50), para quem é impossível a existência do sujeito dialógico e da ideologia se houver ruptura entre o processo cultural (meio socioideológico) e o objeto. Na condição de signo ideológico, o objeto jamais pode ser avaliado longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o atravessam (Medviédev (2016). Nessa esteira de pensamento, empenhado em lutar contra a postura formalista de concepção da linguagem, do sujeito e da ideologia, Medviédev (2016), no primeiro capítulo do livro *O método formal*, intitulado "A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas", afirma que os atos participantes da criação ideológica não podem ser estudados fora das relações que os entrelaçam, fora do processo social que os compreende e os compenetra. Ao contrário disso, os sentidos de cada discurso dos sujeitos se materializam "na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante" (Medviédev, 2016, p. 49-50).

A esse respeito, compreende Sobral (2009, p. 54) que "o sujeito é essencialmente um agente responsável pelo que faz, agente que se constitui

em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos igualmente responsáveis". É, portanto, legitimando esse processo de constituição do sujeito histórica e ideologicamente que propomos tecer análises. Sob as lentes de Bakhtin (2006), o sujeito constitui um agente mediador entre os sentidos múltiplos que são produzidos socialmente e os discursos, túrgidos de peso axiológico em situações concretas de produção da linguagem.

A seguir, adentremos na análise dos enunciados seletos, que consistem em três cenas discursivas contendo falas e posicionamentos de caráter emancipatório da personagem Anne de Green Gables extraídas da série de ficção canadense "Anne With an E" (2017), produzida pela Netflix.

A constituição emancipatória de Anne de Green Gables: uma consciência transgrediente

Antes de adentrarmos especificamente no rito analítico, importa-nos compreender as condições de produção que constituem e atravessam a narrativa de Anne, ou seja, iremos, brevemente, contextualizá-la nas especificidades da época em que foi criada. No final do século XIX e início do século XX, no Canadá e em grande parte dos Estados Unidos, as expectativas em relação ao crescimento e à liberdade das mulheres eram restritas. Normatizava-se que mulheres, principalmente as jovens, fossem submissas, dedicadas ao lar e à família, com poucas oportunidades de educação e carreira. É nesse cenário que Anne Shirley se encontra; nele, desde adolescente, busca desafiar essas normas, a partir do instante em que chega à fictícia comunidade de Avonlea, na Ilha do Príncipe Eduardo. A seguir, explana-se a cena principal do *trailer* que se repete a cada episódio.

Figura 1 – Anne com seu chapéu de flores (Abertura)



Fonte: Trailer da série da Netflix "Anne with an E" (2017).

É desse modo que, na série da Netflix "Anne with an E" (2017), baseada nos livros "Anne de Green Gables" (1908), são evidenciados temas contemporâneos como a emancipação feminina e práticas decoloniais em que se exibem traços de feminismo e resistência ao sistema patriarcal.

A narrativa fílmica esboça a personagem Anne como uma pequena órfã que chega a Avonlea por engano, pois os donos da propriedade, Marília e Matthew, haviam solicitado um garoto, para que pudesse auxiliar o fazendeiro nas atividades do campo. Anne, como adolescente do gênero feminino, não poderia desempenhar as mesmas atividades que um homem. Então, depois de muitas provações e de ter que demonstrar o seu valor pessoal, os fazendeiros aceitam que Anne fique, e decidem adotá-la. A pequena garota, aos poucos, aspira a ser uma escritora e uma professora, profissões que lhe proporcionam independência financeira e intelectual. Sua ambição de continuar os estudos e ganhar uma bolsa para a Queen's Academy é um testemunho de sua determinação em transcender as limitações impostas às mulheres de sua época. Sua busca pelo conhecimento e pela educação é uma das maneiras pelas quais Anne rompe as barreiras

sociais, mostrando que as mulheres também têm o direito de buscar suas próprias aspirações e sonhos.

Diante desse pequeno painel explanativo, elencamos três cenas discursivas em que Anne de Green Gables se posiciona firmemente: a) a favor do ideal de educação igualitária para homens e mulheres; b) contra o patriarcado; c) em defesa da diversidade de gêneros.

A cena conseguinte consiste em um momento significativo da terceira temporada (2017) em que Anne Shirley demonstra seu espírito combativo e seu compromisso com a educação e a justiça social. A entusiasmada adolescente reúne seus colegas na sala de aula para lutar contra o silenciamento político e a favor de uma educação igualitária. Esse momento ocorre especificamente no episódio 6, intitulado "The Summit of My Desires" ("O Cume dos Meus Desejos"). A garota se pronuncia para seus colegas de classe.

Cena 1 – A Defesa da Educação para Todos (Temporada 3)

Fonte: série da Netflix "Anne with an E" (2017).

Anne: "Sei que não sou a pessoa mais desejada para vocês, mas eu tenho um plano! Trouxe tábuas! Vamos escrever em forma de protesto, e mostrar que eles não podem retirar a educação de nós! Não podem nos silenciar" (legenda da cena).

Em meio às decisões políticas que sempre favoreciam a educação para os homens e excluíam as mulheres, a exemplo da proibição de poderem publicar suas ideias e divulgá-las em folhetos jornalísticos, Anne percebeu que os políticos e líderes comunitários estão tentando impor suas próprias agendas, muitas vezes às custas de direitos e oportunidades dos jovens, especialmente das meninas. Decidiu, então, convocar todos os alunos de sua turma, posicionando-se axiologicamente, em posição firme contra as injustiças percebidas. Decidiu portanto, reunir seus colegas de classe e faz um discurso.

Durante a reunião, Anne discursa sobre a importância da educação para todos, independentemente de gênero, cor ou origem. Anne argumenta que a educação é um direito fundamental e que não deve ser controlada por políticos que não entendem as necessidades reais dos estudan-

tes. Então, a garota encoraja seus colegas a se unirem e a se levantarem contra o silenciamento imposto pelos líderes políticos. Ela destaca a força da solidariedade e da união, ressaltando que, juntos, eles podem ter uma voz mais forte e influente. Anne também fala sobre a importância de apoiarem-se uns aos outros e lutarem por um futuro melhor para todos.

Depois de elaborarem propostas e planos de ação para levar suas demandas aos líderes comunitários e políticos, evidenciando que os estudantes têm voz e que suas opiniões e necessidades devem ser respeitadas, Anne e seus colegas começam a mobilizar a comunidade, envolvendo pais, professores e outros moradores de Avonlea. Eles organizam petições, reuniões comunitárias e outros eventos para aumentar a conscientização e pressionar por mudanças.

Em meio a esses acontecimentos, compreendemos que a palavra, nesse segmento dialógico, está em constante movimento, "[...] pois enquanto o sujeito é influenciado pelo meio por estar em contato com diferentes discursos repletos de vozes, ele também age sobre o seu ambiente, transformando-o a partir das vozes que traz em

seus discursos" (Mendonça; Miotello, 2015, p. 111). A personagem não apenas desafia as normas patriarcais e o controle político sobre a educação por meio de palavras persuasivas e demonstração de força coletiva, mas também empodera seus

colegas a lutarem por seus direitos. A mobilização liderada por Anne resulta em uma maior conscientização na comunidade sobre a importância da educação inclusiva e igualitária.

Cena 2 – Contra o patriarcado (Temporada 3)



Fonte: série da Netflix "Anne with an E" (2017).

A cena 2 representa um dos momentos em que Anne e suas amigas passam a se questionar sobre os padrões de beleza impostos às mulheres. Elas discutem sobre como esses padrões limitam as oportunidades das mulheres e começam a desenvolver uma visão mais crítica e empoderada sobre seus próprios corpos e capacidades. Além disso, existem várias passagens de enunciações da personagem Anne, que demarca, firmemente, sua posição:

Temporada 1, episódio 5 ("Tightly Knotted to a Similar String"):

Anne: "As meninas podem fazer qualquer coisa que um menino pode fazer e muito mais! Temos imaginação e é disso que você precisa, mais do que força ou velocidade!"

Temporada 2, episódio 5 ("The Determining Acts of Her Life"):

Anne: "Por que é que as meninas devem dizer: 'Quero ser esposa e mãe', mas os meninos não devem dizer: 'Quero ser marido e pai'? Acho que é hora de sermos tão ambiciosos quanto queremos ser!"

Temporada 3, episódio 6 ("The Summit of My Desires"):

Anne: "Não é justo que os meninos recebam toda a glória. Por que eles decidem tudo? Se você me perguntar, já é hora de permitir que as meninas sejam tão ousadas e corajosas quanto os meninos".

Desde sua chegada a Green Gables, Anne Shirley deixa claro que não é uma garota comum. Em uma sociedade na qual, das mulheres, espera-se que se comportem de maneira submissa e reservada, Anne se destaca por sua eloquência e audácia. Como se observa pelas falas da jovem sonhadora, ela frequentemente questiona as expectativas tradicionais impostas às mulheres e defende a igualdade de gênero de maneira fervorosa. Com base nas concepções e críticas de Bakhtin e Medviédev, compreendemos que os posicionamentos e as enunciações de Anne constituem uma luta constante contra o reflexo de uma ideologia patriarcal, enraizada na normatividade de que a mulher deve assumir papéis

impostos na sociedade para ser bem-vista. A cultura em Avonlea reaviva, de maneira refletida e refratada, a confissão de Spinoza (2009) de que a exclusão das mulheres da esfera política é a encarnação de desejo dos homens.

Por exemplo, no episódio 6 da temporada 3, Anne afirma, com confiança: "Não é justo que os meninos recebam toda a glória. Por que eles decidem tudo? Se você me perguntar, já é hora de permitir que as meninas sejam tão ousadas e corajosas quanto os meninos". Essa declaração não só desafia a noção de inferioridade feminina, mas também enfatiza a importância da imaginação e da inteligência, características frequentemente desvalorizadas em mulheres naquela época.

Nas lentes de Delphy (1998), a constante produção doméstica é assegurada gratuitamente à medida que a mulher é explorada economicamente pelo homem, apoiando-se na instituição do casamento. Desse modo, ao assumir a função relegada de sujeito de produção doméstica, a mulher se mantém na base econômica do patriarcado. Em mesma linha interpretativa, Santana e Sene contextualizam como era o ideal de mulher nos países de engrenagem patriarcal, como corpo-instrumento, o que se prolonga com vigor até meados do século XX:

Assumindo a obrigação única de casar, ter filhos e ser cuidadora do lar, a mulher é moldada socialmente como um corpo-instrumento, categoria por nós proposta em reconhecimento de que, durante muito tempo, o ser feminino serviu de uso para satisfação objetal/sexual masculina. O corpo-instrumento consiste no papel único de objeto de prazer e servidão que foi assumido pelo ser feminino no decorrer de sua existência, o que remonta à sua exclusão da política e do direito ao conhecimento. Desse modo, leituras sobre a função/utilidade/serventia da mulher no Direito, na Religião e nas Artes, desde a aceção entre patricios, plebeus e escravos nos permitem classificá-la como um corpo que foi instrumentalizado para uso masculino (Santana; Sene, 2021, p. 45).

Diferentemente dessa perspectiva instrumentalista e parasitária, Anne se caracteriza, portanto, como um modelo de resistência e empoderamento feminino, haja vista que não só critica a distribuição desigual de poder e reconhecimento,

mas também encoraja as demais meninas a serem ambiciosas tal qual os meninos, deslegitimando as concepções de que a coragem e o alcance financeiro são qualidades/alcanços exclusivamente masculinos.

Ainda na ocasião dos protestos, Anne se envolve em discussões sobre o sufrágio feminino, defendendo o direito das mulheres ao voto. Na câmara dos políticos, agrega-se a outras mulheres da comunidade para apoiar a causa, destacando a importância da participação política e da igualdade de direitos. Nessas instâncias de produção, o ideal de mulher sublimada nas enunciações de Anne evidencia o sujeito mulher, que se posiciona criticamente diante da sociedade. Suas discursivizações gerenciam a identidade feminina por meio de relações dialógicas de concordância com escritoras influentes de sua época, como Jane Eyre, cujas réplicas instigam à possibilidade de compreender novos paradigmas sobre o ser mulher.

Quanto ao apoio à diversidade de gêneros, em dois momentos específicos, as enunciações de Anne se destacam: primeiramente, quando apoia Cole, seu colega, que era homossexual mas se sentia envergonhado de (e não podia) assumir-se/comportar-se como tal; e quando apoia tia Josephine, mulher viúva, que nunca declarou para a família que passou a vida com uma companheira, a Gertrude. Iremos ilustrar esses momentos.

Cena 3 – Em defesa da diversidade de gêneros (Temporada 2)

Fonte: série da Netflix "Anne with an E" (2017).

Em uma das cenas da 2ª temporada, especificamente no episódio 6, Anne apoia seu amigo Cole quando ele enfrenta *bullying* devido à sua condição de gênero, por meio da seguinte enunciação:

Anne: "Meu querido Cole, você é único e maravilhoso do jeito que é. Nunca deixe ninguém lhe dizer o contrário. O mundo é um lugar melhor com você nele, exatamente como você é. As pessoas sempre terão opiniões, mas essas opiniões não são mais importantes que a sua verdade".

A protagonista da série defende a aceitação e a igualdade, e encoraja Cole a ser verdadeiro consigo mesmo. As enunciações de Anne refletem uma postura inclusiva e afirmativa, combatendo diretamente as normas homofóbicas da sociedade. Quando Anne percebe que o professor Phillips, então responsável pelas aulas da turma, está tratando Cole de maneira injusta e abusiva devido à sua condição de gênero, ela não hesita em confrontar a situação. Ao questionar a autoridade do professor e a forma como ele está lidando com Cole, a personagem constitui-se corajosa e perspicaz, não aceitando esse tipo de comportamento discriminatório. Embora o con-

fronto direto com a autoridade de um professor fosse extremamente incomum e perigoso para uma garota na época, Anne demonstra coragem e empatia.

A esse respeito, importa recorrermos à figura da filósofa Judith Butler, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2016), que concebe a sexualidade como uma construção social e histórica permeada por relações de poder e por discursos que circulam na sociedade. Em uma perspectiva dos estudos de gênero, importa partir da premissa de que não há, na sociedade, uma identidade comum ou petrificada, que seja compartilhada entre todos os homens ou as mulheres (Butler, 2016). Portanto, as atitudes de Anne a constituem uma adolescente à frente do seu tempo, que desafia a homofobia e os papéis de gênero rígidos da época, sugerindo para nós uma voz/perspectiva que ressoa na contemporaneidade, à medida que se questionam os conceitos tradicionais e rígidos de gênero e sexualidade, a fim de superar o binarismo cisgênero (homem e mulher) e a heteronormatividade (Butler, 2016). Nessas instâncias interpretativas, compreende-se que a identidade de gênero não é uma categoria

estável, engessada ou petrificada, mas, sim, uma construção cultural e histórica (Louro, 2018, p. 88-89).

Em arena círculo-bakhtiniana (Santana, 2021), compreende-se que o sujeito se constitui como um agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos produzidos em situações concretas. O processo de constituição do sujeito é discursivo, entre o individual e o social. Nesse palco, a alteridade engendra-se como o elemento-mor de construção coletiva do sujeito, que depende de seus outros para existir socialmente (Bakhtin, 2006).

No decorrer da narrativa filmica, Anne demonstra transgrediência em relação às consciências que lhe eram contemporâneas e mente aberta não aos novos modos de ser, não apenas em sua amizade com Cole, mas também em seu apoio à Tia Josephine Barry, uma personagem que desafiou as normas patriarcais ao ter vivido com uma companheira, Gertrude. A relação entre Anne e Tia Josephine³ demonstra o quanto a garota se constitui pelo progressismo das ideias e pela humanização, haja vista que não repudia relações afetuosas e amor entre pessoas do mesmo sexo. Então, quando Anne descobre sobre a verdadeira natureza do relacionamento entre Tia Josephine e Gertrude, ela reage com empatia e compreensão. Anne se posiciona contra a visão restritiva da sociedade sobre relações entre pessoas do mesmo sexo. E, sobretudo, celebra a coragem de Josephine em viver sua verdade em uma sociedade que não a compreende.

A constituição dessa personagem revela um sujeito – mulher – que desafia as normas sociais e patriarcais da época, em um cronotopo histórico cuja sociedade condena o amor entre pessoas do mesmo gênero/sexo. Nessas linhas de compreensão, Anne não apenas transgredir as pautas heteronormativas, mas também se torna uma defensora vocal dos direitos das mulheres e das pessoas homoafetivas, oferecendo a construção de uma personagem que ergue bandeiras

de amor e empatia, insubmissão e diversidade.

Considerações finais

Estudos construídos sob a égide da Análise Dialógica do Discurso vêm contribuindo significativamente para os estudos linguístico-discursivos, impulsionando pesquisadores a tecerem olhares críticos sobre os enunciados selecionados para análise(s). Bakhtin e o Círculo teceram os fundamentos para o princípio dialógico da linguagem e a identidade do sujeito, tanto em base filosófica quanto sociológica. Em prisma dialógico, verificou-se que o sujeito tem sua identidade discursiva construída através de seu(s) outro(s) nas fronteiras de seus dizeres. Com base nos estudos de Bakhtin e o Círculo, foram articuladas as principais produções teóricas (sujeito, linguagem, identidade) consideradas pilares do dialogismo.

Com a proposição desta investigação, cumprir-se o objetivo proposto inicialmente, de analisar a constituição emancipatória da personagem Anne de Green Gables. Foi possível averiguar os posicionamentos axiológicos assumidos por Anne Shirley, e de que forma seu mundo se reflete e se refrata na vida.

Apresentou-se como *corpus* três cenas específicas da série da Netflix "Anne with an E", as quais foram interpretadas e analisadas. Os resultados demonstraram que Anne se constitui como uma adolescente/jovem à frente do seu tempo, criativa e insubmissa ao patriarcado, a qual encontra, na imaginação, fonte inesgotável de renovação de vida.

Referências

ARISTÓTELES. *Física (livros I e II)*. Tradução de Lucas Angioni. São Paulo: Unicamp, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. A estilística atual e o romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução e prefácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Contexto, 2015. p. 23-46. Originalmente publicada em 1930-1934.

³ Desde o instante em que a história de Tia Josephine é protagonizada, esta personagem é apresentada como uma mulher rica e excêntrica, cujos estilo de vida não convencional e independência são rapidamente notados por Anne. O relacionamento entre Tia Josephine e sua falecida companheira, Gertrude, é inicialmente tratado com discrição, mas se torna evidente que elas compartilhavam um vínculo profundo e amoroso.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Publicado originalmente em 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 211-362.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010. Publicado originalmente em 1924.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. American Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- BEMONG, Nele et al. *Bakhtin e o Cronotopo – reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução de Oziris Borges Filho et al. São Paulo: Parábola, 2015.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.
- BRAIT, Beth. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 7-8.
- BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 56, n. 2, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- DELANOY, Cláudio Primo. *O autor e a personagem na atividade estética, de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: FFLCH/USP, 2024. Resenha.
- DELANOY, Cláudio Primo. O conceito de grande tempo e interpretação de discursos. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 33, p. 153-174, 2020.
- DELPHY, Christine. Les femmes dans les études de stratifications. In: DELPHY, Christine. *L'ennemi principal*. t. 1: Économie politique du patriarcat. Paris, Syllepse "Nouvelles questions féministes", 1998. 293 p.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 80-96.
- FRANCELINO, Pedro Farias. *A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa*. A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley et al. (org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 39-53.
- GRILLO, Sheila. Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2017. p. 7-79.
- HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução, introdução e notas de Valério Rohden. 2. ed. Bilingue. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- KEUNEN, Bart. Bakhtin, Genre Formation and the Cognitive Turn: chronotopes as memory schemata. *Cicweb-Comparative Literature and Culture*, Belgic, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2000.
- LEAL, José Luciano Marculino; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. O Sermão da Montanha em perspectiva dialógica. *Diálogo das Letras*, Natal, v. 9, p. e02003-e02003, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MEDVIÉDEV, Pável. A linguagem poética como objeto da poética. In: MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016. p. 131-163. Originalmente publicado em 1928.
- MENDONÇA, Jéssica Leal; MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. Polifonia, dialogismo e o poder dos dispositivos nos ambientes virtuais de aprendizagem. *Acta Semiótica et Linguística*, Campo Mourão, v. 20, n. 1, 2015.
- MONTGOMERY, Lucy Maud. *Anne of Green Gables*. Toronto: Seal Print, 2004. Originalmente publicado em 1908.
- PLATÃO. *Timeu e Crítias – Ou "A Atlântida"*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2017.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O princípio dialógico da linguagem e a identidade alteritária do sujeito. *Revista Interfaces*, Paraná, v. 9, n. 4, p. 50-62, 2018a.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 75-90, 2018b.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. *Relações heterodiscursivas na constituição do enunciado bíblico Eu Sou: uma análise dialógica sob horizonte círculo-bakhtiniano*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; SENE, Marcus Garcia de. Entre corpo-instrumento e sujeito mulher: relações dialógicas em uma tirinha de quino. *Revista Interfaces*, Paraná, v. 12, n. 01, p. 38-50, 2021.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SPINOZA, Baruch. *Tratado político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: M. Fontes, 2009. Originalmente publicado em 1677.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievich. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem* – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2017. Originalmente publicado em 1929.

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling-UFPB). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling-UFPB). Realiza Estágio Pós-Doutoral com bolsa pelo PROLING-UFPB junto à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) sob supervisão do professor doutor Pedro Farias Francelino. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa (DLCV-UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional (FTN).

Claudio Primo Delanoy

Doutor em Letras - Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012). Atualmente é professor adjunto na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Líder do grupo de pesquisa Discursos em Diálogo (certificado pelo CNPq). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em teorias do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria do Círculo de Bakhtin, texto, discurso, enunciação, dialogismo.

Endereço para correspondência

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA

Universidade Federal da Paraíba

Cidade Universitária s/n - Campus 1 - Castelo Branco, CEP: 58051-900

João Pessoa, Paraíba, Brasil

CLAUDIO PRIMO DELANOY

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 1, 90619-900

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.